

MEMÓRIA DO ESTÁDIO "PELEZÃO": UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

LUIS OTÁVIO TELES ASSUMPTÃO
Universidade Católica de Brasília (UCB)

RICARDO LIRA DE REZENDE NEVES
Universidade Federal de Goiás (UFG)

ROGÉRIO GEDEON DE ARAÚJO
Universidade Aberta do Brasil
Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

Este artigo resgata a memória e a importância do estádio de futebol "Peleção", referência social, cultural e esportiva do Distrito Federal durante os anos 1960 e 1970. Os objetivos foram contar parte dessa história; resgatar um dos momentos marcantes e significativos da sociologia do futebol de Brasília e refletir sobre a importância de um local onde esta "sociedade em formação" procurava se encontrar e, de alguma forma, compartilhar sentimentos coletivos. A partir do método biográfico e da história oral, analisamos discursos de ex-integrantes de times de futebol de Brasília, além de recortes de jornais e documentos sobre o estádio. Os resultados demonstram que ao contrário de erigir o estádio como símbolo e fortalecê-lo como um "lugar de memória", ele foi esquecido e vilipendiado por especuladores em uma cidade carente de raízes e referências culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Futebol; Sociologia; Identidade.

ABSTRACT

This article recalls the memory and the importance of "Peleção soccer stadium", reference in social, cultural and sports aspects in the Federal District during the 1960s and 1970. The objectives were to tell part of the story; rescue one of striking and significant moments in the sociology of Brasilia soccer and reflect on the importance of a place where this "emerging society" meet themselves and, somehow, share collective feelings. From the biographical method and oral history, we analyze the speeches of former members from several soccer teams of Brasilia, as well as newspaper clippings and documents about the stadium. The results show that contrary to build the stadium as a symbol and make it stronger as a "place of memory", he was forgotten and vilified by speculators in a city devoid of roots and cultural references.

KEYWORDS: Memory; Football; Sociology; Identity.

(...) para as cidades européias a passagem dos séculos constitui uma promoção enquanto para as americanas, a dos anos é uma decadência. [Claude Lévi-Strauss]

Introdução

O futebol é um dos fenômenos esportivos do século XX. No entanto, somente a partir das últimas décadas, estudiosos brasileiros tem se debruçado sistematicamente sobre o tema, especialmente no que se refere à produção intelectual sociológica, antropológica, histórica. Atualmente, intelectuais do campo das Ciências Sociais transformaram o futebol em objeto de estudo de grande relevância para melhor se entender a vida em sociedade¹.

Dentre as diversas temáticas de pesquisa, há estudos relacionados aos clubes esportivos, aos megaeventos², à identidade nacional³. Outros resgatam a história e a memória de atletas, ou pesquisam as relações históricas entre esporte e identidade nacional⁴. Também destacamos os estudos⁵ sobre a temática memória e história que demonstram a importância dos estádios como referência social, cultural e identitária nos centros urbanos.

Nas décadas de 60 e 70 Brasília dava seus primeiros passos como nova capital que se instalava no centro do país. Ela foi construída no Planalto Central, em área de baixíssima densidade populacional e seus primeiros habitantes eram oriundos das mais diferentes regiões do Brasil. Eram pessoas que, do ponto de vista sócio-antropológico, podem ser caracterizadas como "culturalmente desenraizadas", sem antigos vínculos com a nova cidade. Por isso, era tão frequente ouvir-se que Brasília era uma cidade fria, tamanha a dificuldade de se compartilhar referências culturais e estabelecer relacionamentos sociais e afetivos, o que, obviamente, se explicavam pela massiva e fragmentada colonização recente.

Desde essa época, a questão da identidade social e cultural da capital foi um difícil problema. Desvendar o significado do ser brasileiro nunca foi uma

¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; DOS SANTOS, Ricardo Pinto; AGOSTINO, Gilberto. *Memória social dos esportes futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Mauad Editora Ltda, 2006.

² DA MATTA, R.; NEVES, L. F. B.; GUEDES, S. L.; VOGES, A. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

³ MELO, Vitor Andrade de. Eficiência X Jogo de cintura: Garrincha, Pelé, Néelson Rodrigues, Cinema, Futebol e Construção de Identidade Nacional. In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira; DOS SANTOS, Ricardo Pinto; AGOSTINO, Gilberto. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Mauad Editora Ltda, 2006, 259-280.

⁴ MONTEIRO, Vitor. Esporte, Masculinidade e identidade: a revista nação armada. In. SILVA, Francisco Carlos Teixeira; DOS SANTOS, Ricardo Pinto; AGOSTINO, Gilberto. *Memória social dos esportes futebol e política: A construção de uma identidade nacional*. Mauad Editora Ltda, 2006, 133-144.

⁵ ASSUMPCÃO, Luis Otávio Teles. *O Tempo das Geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Unimontes, 2000.

tarefa fácil, afinal o escasso tempo de construção da cidade e suas origens sociais tão diversas dificultavam a construção de uma nova "síntese".

Desde estes primeiros tempos, um dos importantes momentos de sociabilidade e confraternização eram os jogos de futebol. Nos finais de semana haviam torneios e campeonatos entre equipes formadas pelos operários das diversas empresas de construção civil. Eis uma história que ainda espera ser contada. Ex-jogadores, dirigentes, torcedores moradores da cidade de Brasília estão hoje esquecidos e, porventura interrogados, demonstram afeição em relembrem esta história. Abrem baús antigos, exibem recortes de jornais, emocionam-se com fotos de outrora.

Com efeito, o esporte possui enorme capacidade em criar heróis, mitos, ídolos, figuras emblemáticas, em revelar arquétipos, estimular lealdades e rivalidades, forjar noções e dramas sacrificiais, guerras miméticas e embates rituais. Mantém analogia com cerimônias mágico-religiosas, com ritos de socialização, com estruturas totêmicas e com "parábolas de destino coletivo". A efervescência emocional, as participações vocais e rítmicas, o êxtase das partidas possuem enorme eficácia simbólica. Tais sentimentos coletivos favorecem e estimulam densas relações e identidades grupais.

Os primeiros campeonatos de futebol da nova capital constituíam um desses momentos de formação de tênues traços de uma frágil identidade ainda em construção, em uma cidade planejada e vazia na vastidão solitária do planalto central, habitada por uma população de migrantes desenraizados, sonhadores e esperançosos.

Este trabalho quer contar parte dessa história, resgatar um dos momentos marcantes e significativos da sociologia do futebol em Brasília, refletir sobre a importância de um espaço onde esta "sociedade em formação" procurava se encontrar e, de alguma forma, compartilhar sentimentos coletivos. Queremos falar de um local de vivência e de confraternização onde parte dos "candangos" (termo que se referia aos primeiros construtores de Brasília), saudosos de suas origens, se encontrava, buscando fundar uma "nova história", uma nova "alvorada", em uma nova capital que ali se inaugurava. Este local era o "Pelezão".

O "Pelezão" foi um magnífico estádio de futebol construído no Distrito Federal (região administrativa do Guará, localizado nas imediações do *Park Shopping*) e inaugurado em 21 de abril de 1965, em partida entre a Seleção do Distrito Federal e o "Siderúrgica", campeão mineiro de 1964. Possuía capacidade para aproximadamente 25.000 espectadores, com arquibancada coberta para 12.000 pessoas⁶.

Os jogos ali realizados, ainda hoje, são lembrados com saudade e nostalgia, como momentos de festa e de celebração coletiva. "*O Pelezão era o Maracanã de Brasília*"[...] *Era o único estádio grande, e gramado, o Defelê era o outro campo gramado existente na época.*" lembra Valmir⁷.

⁶ Correio Braziliense, 12/04/1995 – "Pelezão vira casa de show".

⁷ Entrevista com Valmir. Ex-jogador de futebol do Ceub Esporte Clube e da seleção brasileira de futebol, (14/05/2012).

É sabido que o futebol, no Brasil, constitui uma longa e antiga paixão: times, jogadores, vitórias e derrotas, descrevem este universo. No entanto, pouco se escreveu sobre os locais destes jogos. Há escassa produção sobre as histórias sociais, culturais, simbólicas, afetivas dos campos de futebol, tanto dos pequenos como dos grandes estádios - daqueles familiares e provincianos àqueles cosmopolitas e monumentais.

Cada estádio, cada campo, possui sua memória, seus mitos, seus "fantasmas"; guardam as lembranças, os gritos, as ovações. As partidas inesquecíveis fascinam torcedores de ontem e de hoje.

Uma sociedade pode ser cantada por suas casas, suas ruas, suas esquinas, suas praças, seus becos. "*Becos das minhas tristezas / das minhas perplexidades / (mas também dos meus amores, / dos meus beijos, dos meus sonhos)*" (Manuel Bandeira, *Última Canção do Beco*)⁸. Também pode ser cantada por seus estádios⁹. Brasília espera este canto; o "Pelezão" o merece.

A cidade nascente encontrava neste novo estádio um espaço de auto-representação, obra de seus próprios moradores. O "Pelezão" fazia parte desta frágil identidade¹⁰ dos "brasilienses em formação", não associados exclusivamente aos belíssimos espaços e construções arquitetônicas expressas nos cartões postais destinados ao usufruto de turistas ávidos por novidades e belezas modernistas.

Este artigo resgata esta memória, recupera a importância do "Pelezão", referência social, cultural e esportiva do Distrito Federal durante os anos 1960 e 1970. Para alcançar esta empreitada foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa¹¹, com análise de entrevistas realizadas com integrantes das equipes de futebol da época, e levantamento e análise de dados coletados nos jornais Correio Braziliense e Jornal de Brasília, do Distrito Federal.

Para tanto, analisamos o discurso dos sujeitos que vivenciaram esta história e analisamos documentos sobre o Estádio. Utilizamos o método biográfico¹², a história oral (memórias e lembranças) daqueles que estiveram envolvidos. Resgatamos depoimentos vivos dos atores que participaram de momentos decisivos e significativos do futebol e do "Pelezão". Recolhemos depoimentos e falas dos sujeitos que estiveram presentes nesses importantes momentos.

⁸ BANDEIRA, Manuel. *Última Canção do Beco*. Manuel Bandeira: seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Salete de Almeida Cara, v. 2, p. 58.

⁹ ASSUMPÇÃO, Luis Otávio Teles. *O Temp(l)o das Geraes* - a nova ordem do futebol brasileiro. Montes Claros: Unimontes, 2000.

¹⁰ ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: Cultura brasileira e identidade nacional. Brasiliense, 1985.

¹¹ MAZZOTI Alda Judith, GEWANDSZNAJDER Fernando. *O método nas Ciências Naturais e Sociais*: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

¹² FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 17-34.

Lugares de memória

Ao longo do tempo, sociedades têm construído espaços e obras onde seu passado, seus valores, seus rituais, se perpetuam; onde as pessoas possam compartilhar memórias, experiências, lembranças, vontades coletivas. Para isso, levantam imponentes edifícios, grandiosos monumentos, magníficas obras de arte, talhadas na pedra, no mármore, no concreto. *"Cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças"*¹³.

Por vezes, estes espaços tornam-se "lugares de memória". O historiador francês Pierre Nora¹⁴ cunhou esta brilhante noção no monumental "Les lieux de Mémoire", três volumes onde inventaria lugares, símbolos, comemorações, paisagens, patrimônios, territórios, historiografia, datas, pessoas, livros, objetos, escritores nos quais se assenta a memória nacional francesa: a Marselhesa, o Panteão, o 14 de Julho, a Vendéia, os Santuários Reais, o "Tour de France", o Hexágono, o Palácio de Versalhes, as "Três Cores", foram alguns dos exemplos contemplados.

"Lugar de memória" é um conceito bastante apropriado para se investigar, analisar e buscar respostas à necessidade e à ânsia de identificação social e individual. Foi cunhado pelo fato de, nos tempos modernos, povos, países, grupos, terem sofrido profundas mudanças em sua relação com o passado, o qual tem sido perdido e esquecido no ritmo cada vez mais acelerado das mudanças nas sociedades urbano-industriais. O que seriam estes "lugares de memória"? Um misto de história e memória, um lugar onde as lembranças se ancoram e podem ser apreendidas pelos sentidos. Podem se referir a um lugar, a uma paisagem, a um objeto, a uma pessoa, a uma data, a uma arena esportiva, em torno do qual se cristaliza uma parte da memória. Refere-se a um objeto concreto, eventualmente situado geograficamente, ou a um objeto abstrato, intelectualmente construído. "Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. São rituais de uma sociedade sem ritual, sacralidades passageiras em uma sociedade que dessacraliza, ilusões de eternidade"¹⁵.

Pode se tratar de um monumento, de um personagem, de um museu, de um arquivo, de um evento, de uma instituição, sempre carregados da vontade coletiva de se resguardar do esquecimento, lugar onde a sociedade reclama o significado coletivo e histórico do seu passado. São reconstruções históricas e sua importância vem justamente de seu valor como documento revelador de processos sociais e culturais que, conscientemente ou não, são investidos de uma "aura simbólica", capaz de nos remeter a um passado "sob forma ritualística"¹⁶.

Muitas vezes, os "lugares de memória" compõem-se apenas de fragmentos considerados dignos de serem guardados e preservados. Ressalta

¹³ HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

¹⁴ NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire: la nation*. Paris: Gallimard, 1984.

¹⁵ Id Ibidem, p. 25

¹⁶ Id. Ibidem.

Nora que, para estes "lugares" se tornarem verdadeiramente memoráveis, compreensíveis e dotados de significado, devem obedecer a ritualizações específicas, processo que permite se ter acesso a um *locus* de identificação.

Esses "lugares" nascem e vivem do sentimento de não existir memória espontânea. Na verdade o que há são construções e reconstruções sociais. Daí a necessidade em se criar arquivos, organizar celebrações, celebrar datas especiais, ritualizar momentos marcantes, preservar espaços e construções.

A aceleração e a fugacidade da vida urbana tornam atribuladas e efêmeras as tarefas e rotinas que a vida moderna impõe. A memória tende a ser esquecida, sua função identitária enfraquece.

Os "lugares de memória" mantêm vivas nossas lembranças, existem para não nos deixar cair no olvido e no esquecimento. Placas comemorativas, estátuas, bustos são, então, edificados, buscando-se preservar as lembranças do grupo. O Estádio de Futebol "Pelezão" representa um desses lugares e os sujeitos que viveram a sua história merecem ser ouvidos sobre este "templo" do Futebol de Brasília.

Esporte e memória – o olhar dos ex-integrantes das equipes de futebol

Casas de ex-atletas são verdadeiros "lugares de memória". Ali se guardam camisas, álbuns, retratos, placas, troféus, medalhas, vídeos, quadros na parede, fotografias amareladas. São histórias, lembranças, memórias das quais não se querem esquecer. Possuem valor afetivo indescritível, perpetuando recordações e resguardando identidades. Constitui um material de pesquisa riquíssimo.

Uma conquista histórica, um time campeão, um gol antológico, um drible desconcertante, jamais são esquecidos. "*A ponte com o passado desperta no presente a tradição que se deve zelar*"¹⁷. Pode-se dizer que uma partida dramática, de grande importância, simbolicamente, nunca termina, "*permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado na memória. É transmitido, torna-se tradição*"¹⁸.

Memoráveis embates esportivos não se encerram com o apito final do juiz. Sua densidade dramática escreve a grande história do esporte, por vezes assumindo dimensão mítica. Cada clássico traz as lembranças de memoráveis partidas. Os atletas são elevados a um "*degrau moral superior*", tornando-se "*avatares dos ídolos do passado*". Antigos heróis são "reencarnados", o passado

¹⁷ ASSUMPCÃO, Luís Otávio Teles. *O jogo de futebol e a cultura 'invertida'*. 1992. 95 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 1992.

¹⁸ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, USP, 1971, p. 13.

mítico apodera-se dos novos jogadores. *"Cada clássico contém em si todos os clássicos anteriores"*¹⁹.

O dia 25 de maio de 1967 foi um destes momentos, uma verdadeira festa ocorria em Brasília - a "capital-criança", no dizer do jornalista José Natal, responsável pela coluna de esportes "Dois toques", do diário Correio Braziliense²⁰. O maior jogador de futebol de todos os tempos – Pelé – pela primeira vez se apresentaria no estádio que o honrava carregando seu nome. O Correio Braziliense anunciava: *"Brasília verá Pelé hoje no estádio da FDB"*²¹.

Quando a bola rolou, seu clube, o Santos Futebol Clube goleou a seleção brasileira por 5 x 1, com o "Rei do futebol" marcando logo aos dois minutos. Campeões do mundo e jogadores da seleção brasileira como Clodoaldo²², Zito²³, Toninho²⁴, Pelé²⁵ encantaram os brasileiros na nova terra. No dia seguinte o Correio Braziliense publicava: *"o internacional Pelé, jogando muito bem, sendo o melhor de sua equipe, e logo aos dois minutos conseguiu fazer um gol, intensamente aplaudido pelo grande público que compareceu"*²⁶.

No dia 02 de março de 1969, outra festa ocorria no "Pelezão". Chegou o momento daquele considerado o maior ponta-direita de todos os tempos ali atuar: Mané Garrincha²⁷ extasiava os torcedores atuando pelo Clube de Regatas Flamengo e pelo Botafogo de Futebol e Regatas. Enfrentaria a seleção de Brasília. O Correio Braziliense estampava em sua manchete: *"Mané chega hoje"*. Continuava: *"os fãs do futebol têm hoje à tarde os melhores motivos para reverem um legítimo bicampeão mundial [...] a 'alegria do povo' volta às canchas"*²⁸. Aos oito minutos Dionísio fez 1 x 0. Aos 25, Liminha ampliou: 2 x 0. Aos 30, Dionísio 3 x 0.

Outros memoráveis jogos ocorreram no "Pelezão". Cerca de 25 mil pessoas saíram de suas casas no início da noite de sábado, 25 de agosto de 1973, e viram um time entrar para a história como o primeiro clube da capital

¹⁹ COUTO, José Geraldo. Clássico eleva futebol ao épico. *Folha de São Paulo*. São Paulo (28.08.1999, p. 92).

²⁰ NATAL, José. Coluna de esportes "dois toques". *Correio Braziliense* (25/05/1967).

²¹ *Correio Braziliense* (25/05/1967, p. 1).

²² Clodoaldo Tavares de Santana, mais conhecido como Clodoaldo. É um ex-futebolista da Seleção Brasileira e de diversos times de futebol no Brasil.

²³ José Ely de Miranda, mais conhecido por Zito. É um ex-futebolista da Seleção Brasileira, tendo jogado principalmente pelo Santos Futebol Clube.

²⁴ Antônio Carlos Cerezo, conhecido como Toninho Cerezo. É um ex-futebolista da Seleção Brasileira, tendo jogado principalmente pelo Cruzeiro Esporte Clube e pelo São Paulo Futebol Clube.

²⁵ Edson Arantes do Nascimento. Conhecido como Pelé, nasceu em 1940. É um ex-futebolista brasileiro e considerado o maior jogador de todos os tempos, tendo jogado principalmente pelo Santos Futebol Clube e pela Seleção Brasileira.

²⁶ *Correio Braziliense* (26/05/1967, p. 1).

²⁷ Manuel Francisco dos Santos, mais conhecido como Mané Garrincha ou simplesmente Garrincha. Nasceu em 1933 e faleceu em 1983. Foi um futebolista brasileiro, tendo jogado pela Seleção Brasileira, Clube Regatas Flamengo e principalmente pelo Botafogo de Futebol e Regatas.

²⁸ *Correio Braziliense* (02/03/1969, p. 1).

federal a disputar o Campeonato Brasileiro de futebol: o Ceub Esporte Clube²⁹. *"o jogo atraiu numeroso público" (...) "Ceub estréia no nacional empatando com o 'Bota': 0 X 0"*³⁰.

Foi uma grande festa, Brasília se projetava em seus ídolos locais – Péricles, Xisté, Rogério, Valmir, Claudio Garcia³¹.

Primeira partida do campeonato nacional de 73, Ceub e Botafogo, casa cheia, o Pelezão era todo fechado o jogo ficou 0 x 0, a torcida do CEUB era a maior de Brasília/DF, tinha um torcedor que não perdia um jogo e que gritava 'Ceuba'" [...] "a torcida do Botafogo toda teve presente no estádio, o estádio estava cheio. Assim que era³².

Duas semanas depois o Ceub jogaria contra o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte, pelo campeonato brasileiro daquele ano: *"fazendo exibição de gala no DF, o CEUB derrota o Cruzeiro: 2 X 0"* foi a manchete da primeira página do Correio Braziliense³³.

No "Pelezão" foram disputados campeonatos regionais e nacionais de futebol amador e profissional. Grandes clubes do futebol brasileiro e internacional ali atuaram: Cruzeiro/MG, Botafogo/RJ, Corinthians/SP, Atlético/MG, Grêmio/RS, Internacional/RS, Fluminense/RJ, Santos/SP, São Paulo/SP, Flamengo/RJ, Vasco da Gama/RJ, América/MG, Bahia/BA, Santa Cruz/PE, Estudantes de La Plata da Argentina³⁴.

O Ceub deu força para o futebol brasileiro. O campeonato de Brasília fazia parte da loteria. Todos os jogos eram disputados no Pelezão, os amistosos, jogos de seleção [...] O Pelezão foi o ponta-pé inicial para o futebol profissional de Brasília³⁵.

Do ponto de vista sociológico, podemos entender os clubes de futebol como "representantes" das sociedades, podendo ser vistos como símbolos ou, em certos casos, até mesmo como "totens", tamanha sua capacidade em construir e veicular os mais diferentes sentimentos de pertencimento coletivo e de identidades sociais.

No entanto, a construção deste enraizamento identitário no imaginário, na tradição, na memória coletiva de um povo é longa e demorada. Símbolos refletem processos de densidade social. Daí o futebol de Brasília demorar tanto para se consolidar e das torcidas pouco se identificarem com os clubes locais.

²⁹ O CEUB (Centro de Ensino Unificado de Brasília) foi fundado em 1968 por universitários da instituição com o mesmo nome. O clube foi vice campeão brasileiro em 1972. No ano de 1973 ganhou o título do campeonato de futebol do Distrito Federal, o que lhe garantiu a presença no Campeonato Nacional do mesmo ano.

³⁰ Correio Braziliense (26/08/1973). Relação dos Ex-jogadores do CEUB (1972 e 1973).

³¹ Correio Braziliense (26/08/1973).

³² Valmir, entrevista (14/05/2012).

³³ Correio Braziliense (26/08/1973, p. 1).

³⁴ "História interrompida", Correio Braziliense (26/02/2006, p. 35).

³⁵ Valmir, entrevista (14/05/2012).

Com efeito, a eficácia simbólica do futebol guarda estreita relação com o processo de construção da identidade brasiliense.

Porém, à medida que a população de Brasília crescia e uma "geração brasiliense" começava a dar seus primeiros e frágeis passos, um embrião de sociedade começava a se constituir, e os primeiros esboços de "lugares de memória" lutavam por ganhar forma e conteúdo. No futebol, o "Pelezão" poderia ser pensado como um destes "*locus*" identitários, capaz de estimular importante papel simbólico.

Em uma cidade carente de histórias e tradições enraizadas, o novo estádio se apresentava como um local de identidade e de possível memória coletiva, ainda que embrionária.

Sabe-se o quanto a preservação da memória tantas vezes tem sido menosprezada. Quanto desprezo se observa por lugares e lembranças que resgatam e preservam as memórias! Quantos lugares, quantos momentos, quantos símbolos não estão esquecidos, relegados ao descuido? Tão poucos os valorizam, tão poucos percebem sua importância social, cultural, simbólica, histórica. Mas quais são as razões que provocam este esquecimento e descuido?

O "Pelezão", marco e símbolo dos primeiros passos do futebol da nova capital, que tanto poderia contribuir para ir se configurando um "rosto" próprio para a cidade, em tão poucos anos já começou a ser esquecido. Com efeito, nos anos 80 já começava a cair no ocaso. Não mais havia jogos, não mais havia celebrações coletivas. Abandonado, aos poucos começou a ser invadido por barracos de pessoas tão esquecidas como o próprio estádio.

O "Pelezão", esquecido e desprezado, foi abandonado. "*Virou favela, acabaram com tudo, gramado, iluminação, os caras não tão nem aí*"³⁶. Dava pena, de longe, ver sua monumental arquibancada e seus quatro postes de iluminação guardando a tristeza melancólica de um belo passado esquecido.

Estranhamente, do ponto de vista sócio-antropológico, construíram um novo estádio, "monumental" como tantas vezes a própria cidade se auto-representa, com o dobro da capacidade do "Pelezão". "*Para que*", perguntavam os mais lúcidos, em uma cidade onde a média histórica de público nos campeonatos de futebol locais não chegava a mil pessoas. "*Para que*", insistiam! Sabiam estar corretos, certamente o novo estádio viria a se tornar um verdadeiro "*elefante branco*". Dito e feito!

Abandonado, inativo, todavia localizado em uma região altamente valorizada da capital, tão cedo o "Pelezão" tornou-se alvo privilegiado de ávidos especuladores financeiros e de empresas de construção civil. Acabou sendo repassado pelo Governo Distrital à Federação Metropolitana de futebol, que o vendeu a uma empresa do setor imobiliário. A transação chegou a ser investigada por deputados distritais³⁷.

Por seu passado e seu significado, aquele que poderia ter sido transformado em um dos poucos "lugares de memória" da capital nascente,

³⁶ Péricles, ex-jogador de futebol do Ceub, em entrevista concedida aos autores, 20/11/2012.

³⁷ "Deputada quer anular venda do Pelezão", Correio Braziliense, 27/04/95, p. 23.

acabou sendo vítima de um duro e trágico desfecho - "Pelezão" foi demolido. "O Poder Público não teve interesse em 'segurar' o Pelezão, dar apoio [...]." *Em Brasília ninguém tem interesse em apoiar o esporte, futebol, o governo nem se mexe*³⁸. Hoje o "estádio-memória" não mais existe, nem ruínas permanecem.

Convidado ontem pelo Jornal de Brasília para um passeio pelo cenário histórico, Péricles [ex-jogador do Ceub, disputou seis campeonatos brasileiros, fez o primeiro gol no 'Pelezão' em campeonatos brasileiros] sofreu um duro golpe. O estádio foi demolido em setembro do ano passado³⁹.

O saudoso estádio, de tantas histórias e tantas memórias, que tanto contribuiu para uma nascente identidade social e simbólica dessa nova população, confirmava e referendava as sábias palavras do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss que, nos anos 30, em longa estadia em terras brasileiras, escreveu no memorável livro "Tristes trópicos":

Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poder-se-ia, com maior precisão, aplicar uma fórmula as cidades no Novo Mundo: elas vão do frescor à decrepitude sem parar na antiguidade [...]. Nas cidades do Novo Mundo, seja Nova Iorque, Chicago ou São Paulo, frequentemente comparadas, não é a falta de vestígios que assusta: esta ausência é um elemento de sua significação [...] para as cidades européias a passagem dos séculos constitui um progresso a *promoção* enquanto para as americanas, a dos anos é uma declínio *decadência*'. Elas não são apenas recentemente construídas: elas são construídas para se renovar com a mesma rapidez que elas foram edificadas. Isto não é bom⁴⁰

Hoje resta apenas a memória imaterial, o "bem intangível", tão presente nos relatos emocionados dos primeiros que no Distrito Federal chegaram e aqui tanto militaram no universo do futebol candango. O massagista "Marreta", militante e nome conhecido no futebol de Brasília antes mesmo de sua inauguração, declarou com tristeza: *"não é só triste que a gente fica não, sei lá*

³⁸ Péricles, ex-jogador de futebol do Ceub, em entrevista concedida aos autores, 20/11/2012).

³⁹ "Gol que abriu caminho para o futebol no DF", Jornal de Brasília, 23/04/2005).

⁴⁰ "um esprit malicieux a défini l'Amérique comme un pays qui a passé de la barbarie à la décadence sans connaître la civilisaion. On pourrait, avec plus de justesse, appliquer la formule aux villes du Nouveau Monde: elles vont de la fraîcheur à la decrepitude sans s'arrêter à l'ancienneté (...) Dans le villes du Nouveau Monde, que ce soit New York, Chicago ou São Paulo qu'on lui a souvent comparée, ce n'est pas le manque de vestiges qui me frappé: cette absence est um élément de leur signification (...) Pour les villes européennes, le passage des siècles constitue une promotion; pour les américaines, celui des années est un déchéance. Car eles ne sont pas seulement fraîchement construites: elles sont construites pour se renouveler avec la même rapidité qu'elles furent bâties, c'est-à-dire mal". LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1971, p. 106-107. Grifos nossos.

*o que a gente fica. Eu fico revoltado de ver tanta coisa que passou, por tanta fase boa*⁴¹.

Sobre a demolição, Marreta não escondeu sua amargura e indignação:

[...] aquilo ali para mim era tudo, tudo, tudo o que não poderia acontecer. Demolir um estádio daquele, mas sabe tem uma lenda que diz: quem faz aqui, paga aonde? Paga aqui, né?; Brasília parava para ver os craques⁴².

Valmir logo percebeu sua importância histórica, social, cultural e simbólica: *"Aqui eles preservam tantas coisas e não preservaram o 'Pelezão' como patrimônio histórico Nacional ou do Distrito Federal, como o Catetinho e outros*⁴³.

Marreta diz ter três grandes tristezas: *"uma quando a Federação acabou com o futebol em 64, do Defelê, Rabelo, CEB, outra tristeza quando o CEUB fechou - que time era aquele - e a demolição do Pelezão, meu irmão*⁴⁴.

Hugo Mosca, aos 76 anos, integrante da equipe que construiu o Pelezão na década de 60, confessou não ter mais saúde para encarar o que restou do estádio: *"minhas cinco pontes de safena impedem que eu volte lá*⁴⁵.

Péricles também lamentou melancolicamente: *"Estou surpreso, assustado e decepcionado. Jogaram no chão parte da história do nosso futebol. Pelé e Garrincha jogaram aqui*⁴⁶.

Não havendo "lugares de memória", como transmitir o legado? É o que sintetiza a fala de Péricles: *"Meu neto nem vai ligar para isso, como vou falar para ele? Brasília não têm história"*⁴⁷.

Valmir também se referiu à ausência do sentido de "coisa pública": *"Não pensaram na cidade, não pensaram no esporte*⁴⁸.

Considerações finais

Desprezar a memória significa desprezar a identidade. Lugares de memória atestam, confirmam, preservam os sentimentos de grupos e de sua permanência. Desconsiderá-los significa abandonar as pessoas em uma espécie de "vácuo cultural", sem referências e portos seguros. Ao contrário, a

⁴¹ Marreta, entrevista, ex-massagista, militante do futebol de Brasília, (08/03/2012).

⁴² Marreta, entrevista, (08/03/2012).

⁴³ Valmir, entrevista, (14/05/2012).

⁴⁴ Marreta, entrevista, (08/03/2012).

⁴⁵ Hugo Mosca, ex-construtor do estádio. "Ruínas do Pelezão amarguram seu construtor", Correio Braziliense, (13/03/94, p. 5).

⁴⁶ Péricles, ex-jogador do Ceub, "Gol que abriu caminho para o futebol no DF". Jornal de Brasília, Caderno Torcida, 23/04/2005.

⁴⁷ Péricles, entrevista, (20/11/2012).

⁴⁸ Valmir, entrevista (14/05/2012).

manutenção dos estádios poderia levar ao fortalecimento da identidade coletiva e da memória da comunidade. Deste modo, sentimentos de pertencimento a um grupo podem ser garantidos por símbolos, que permitem o reconhecimento do outro como a si mesmo. Esse reconhecimento pode ser mantido e visualizado a partir da preservação dos grandes "templos" do futebol.

Do ponto de vista sócio-antropológico, a permanência do Estádio "Pelezão" poderia ter contribuído para o fortalecimento da identidade social dos Brasilienses e ampliar os relacionamentos sociais e afetivos, principalmente dos "apaixonados" pelo futebol.

Os depoimentos de personagens singulares, representantes do futebol de Brasília, atribuíram importância e destaque quanto aos direitos humanos e à cidadania. A demolição do Estádio representou a destruição de um monumento, de uma instituição, de um personagem, de arquivos e de grandes eventos.

O "Pelezão" representa a vontade coletiva, a lembrança e a história. Seria o lugar onde os amantes do futebol poderiam reclamar o significado coletivo e histórico do seu passado. Sua importância vem justamente de seu potencial valor como revelador de processos sociais e culturais. Os entrevistados vêm a destruição do "templo" como uma agressão ao patrimônio local e um afronto à história e a memória do futebol de Brasília.

Sobre os autores

Luis Otávio Teles Assumpção é doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor-orientador de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB).

Ricardo Lira de Rezende Neves é mestre em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília. Doutorando na mesma universidade. Atualmente professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

Rogério Gedeon de Araújo é Especialista em Psicopedagogia. Técnico de Nível Superior no Departamento de Gestão Interna do Ministério do Esporte. Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal e Tutor a distância do curso de Educação Física da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB).

Artigo recebido em 05 de dezembro de 2014.

Aprovado em 22 de dezembro de 2014.